

**Carlos
garante
que não
casará
com Camila**



..... **Página 4**

Portugal é recordista da gravidez na adolescência

Tão jovens e já mããs!



**Cravinho desprezou
Fernando Gomes
quer ceder
aeroporto a
Ludgero Marques**

Página 5



**"Ballet Rose"
RTP admite
que enganou
espectadores**

Página 8



**Morte aos 73 anos
José Cardoso
Pires quis ser
cremado**

Páginas 23 a 26



LUIS BARRA

**Ana, 15 anos, está
grávida de cinco
meses. Como ela, só em
1997, mais de 2.600
raparigas, com idades
entre os 12 e os 17
anos, deram à luz.
Portugal segue à frente
na Europa**

Págs. 2 e 3

U. Leiria, 2 - FC Porto, 2

Que grande campeonato!

**Depois do empate de ontem,
a equipa de Mário Reis
(em 3.º lugar) desloca-se à Luz
na próxima ronda. Mas Sporting,
Boavista e FC Porto também
têm compromissos complicados**

Pág. 34



O desaparecimento de um grande escritor

Morte de Cardoso Pires, um escritor-cidadão

Até sempre, José

A obra explica quase tudo. Nela moram Lisboa e o País, as opções políticas, a crítica de costumes, ele próprio. Resistiu na política e na doença, visitou a morte e voltou para dar notícias. A ela regressou

Rogério Vidigal

O escritor partiu aos 73 anos. Um dos grandes que restavam deu a mão à morte que o embalou em Janeiro de 1995 e, este ano, insistiu em dar-lhe notícias por duas vezes – a 21 de Abril e a 8 de Julho. Acidentes vasculares cerebrais, sempre, a causa desse trágico contacto com o fim, ontem, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

A experiência de há três anos proporcionou-lhe uma obra talvez rara que escreveu lentamente, mas pensou enquanto recuperava – “De Profundis, Valsa Lenta”. É a memória da desmemória, “aquilo a que se poderia chamar uma escrita branca”, como depois confessou. “Porque a recordação que tenho é de uma brancura iluminada”.

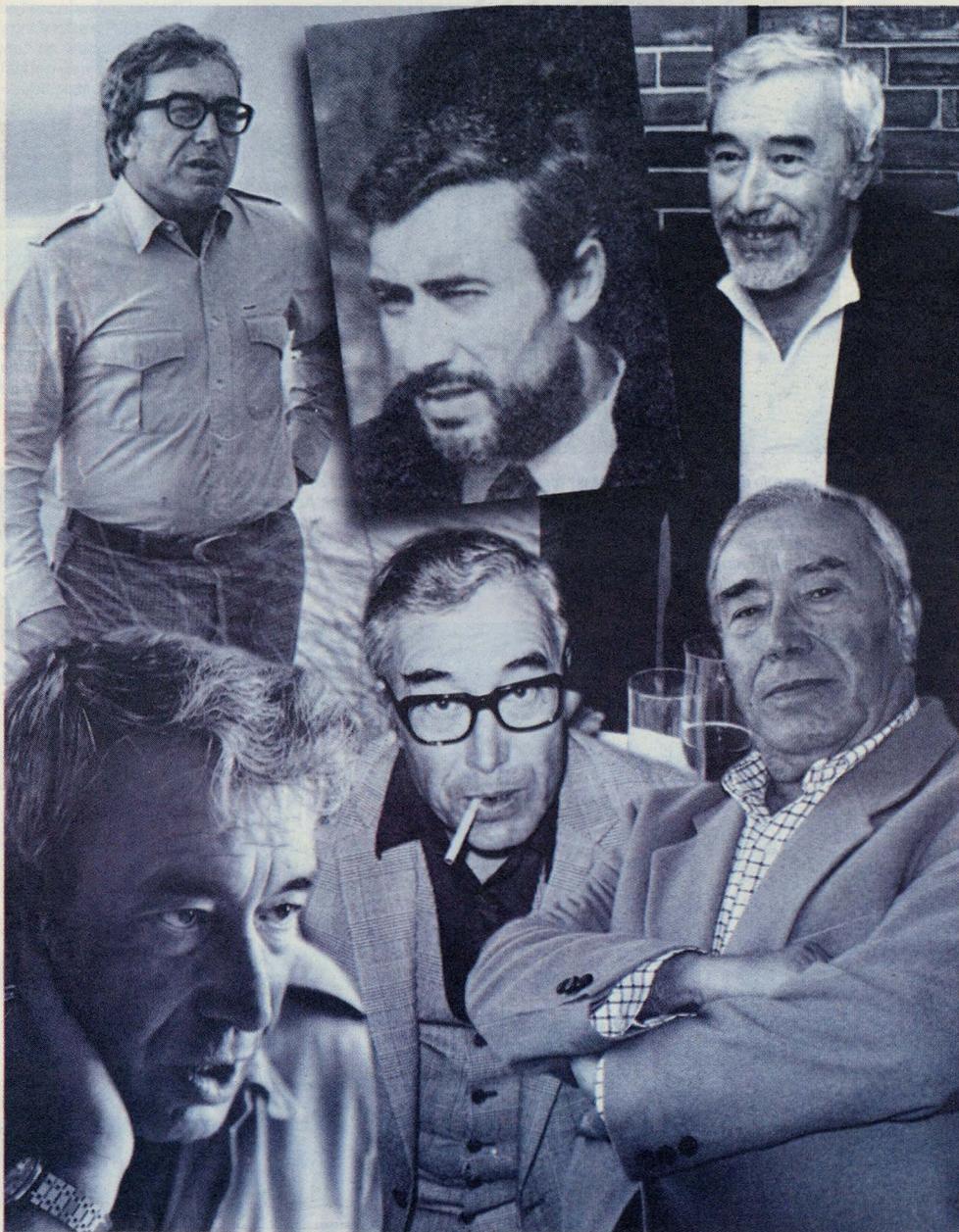
“Sobretudo não gosto da mentalidade camponesa”, reconheceu José Cardoso Pires

Acabava essa “valsa” e já preparava um projecto que, adivinhava-se quando falava disso, andava com ele há uns anos. E saiu “Lisboa, Livro de Bordo”, um guia seleccionado por quem viveu a cidade em plenitude. O gosto de quem passou os primeiros dias em Arroios, à beira da igreja de onde um dia viu um anjo voar...

Amor e ódio

“Lisboa é uma rameira de soldados. Usada, sujeita a 500 mil abortos, e assim mesmo airosa, e mesmo assim bonita”, confessou em 1987, quando publicou “Alexandra Alpha”. “É isso que me entristece. É isso que me faz gostar dela”.

Nascer... foi na aldeia de Peso, Beira Baixa. A mãe não quis que o futuro José visse a paixão logo às primeiras. “Costumo dizer que a minha mãe era como os salmões: nas alturas da desova ia para a terra, para a aldeia, ter os filhos”. Assim aconteceu com ele. Mas voltou logo, fez-se lisboeta nas ruas e cafés do bairro, cresceu com ela, be-



bu-a para a escrita. Muito nos bares, porque, se a sua geração era de cafés, ele preferiu outros espaços. Onde conheceu outro lado da urbe, uma diferença de toque, um corpo distinto.

A terra de origem da família nada lhe dizia, pelo contrário. “Gosto muito de mar e muito pouco de campo. So-

bretudo não gosto da mentalidade camponesa”.

Cardoso Pires tinha o seu país e a capital estava no centro. “Tudo o que se tem passado de grande em Portugal tem sido sempre nos centros burgueses e do litoral”, garantia. Salvava deste azedutário. “Gosto muito de mar e muito pouco de campo. So-

breve, de isolamento, de orgulho”.

“Alexandra Alpha” ficaria depois como uma espécie de ajuste de contas, “a procura de destruição de certos mitos, o mais importante dos quais o mito da identidade”. E lá vinha o tal anjo a descer da velha igreja à beira de casa, já derrubada para dar lu-

gar a “um ‘bunker’ que Hitler não desdenharia”. Para ele foi uma ruptura, um rasgar de página: “Desta igreja jamais voarão anjos”.

Marxista, pois claro

O que pensava da vida assumiu-o sem disfarces no que fez e escreveu. Tinha um lado da vida, assumiu: “Fui e con-

tinuo a ser marxista”, disse sem hesitações quando, em 1991, foi a Roma receber um dos galardões que mais prezava: o Prémio Literário da União Latina. Curiosamente, uma consagração que desfez murmúrios sobre possíveis relações conturbadas com um outro “nome grande” das letras portuguesas: José Saramago integrava o júri e avançou o nome de José.

Marxista se afirmou explicitamente porque nesses anos corriam mudanças a leste. “Hoje em dia há uma reflexão da esquerda sobre a esquerda devido ao fim das ditaduras marxistas. Esta é a base da crise actual que, na minha opinião, pode servir para renovar a esquerda”.

Ele tinha a experiência de uma outra ditadura que o mordera desde menino. Empenhou-se na luta contra o salazarismo. Saudou o 25 de Abril, que, “com todos os seus limites e tragédias (...), deixou um país livre e permitiu aos escritores a criação livre”.

Escritor bissexto

Homem dos sete ofícios desde que tomou a vida por sua conta, amou a escrita desde os bancos do Liceu Camões, com um trecho por ele ilustrado, “As aventuras do mosquito zigue-zague”. E não mais a larga, vai dispersando colaborações em revistas e jornais da época. É, nesses tempos, agente de vendas, correspondente de inglês e intérprete. Já tinha estudado matemáticas na Faculdade de Ciências, já fora marítimo mercante.

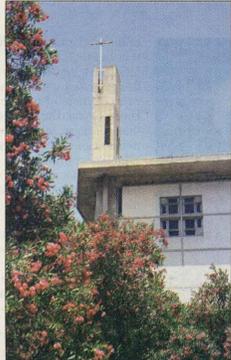
As folhas em branco estavam sempre em desafio. Alinhava as prosas demoradamente com uma caneta-alفاia, trabalhava duramente, paria no pequeno apartamento da Costa de Caparica – mas sem pressas. Quando se tratou de escrever a “Balada da Praia dos Cães” chegou a investigar junto de polícias que conheciam os métodos da PIDE se eram plausíveis algumas cenas que desenhava. Tal como fazia quando foi directo do “Diário de Lisboa”: um editorial custava-lhe a manhã, um dia, de porta fechada. Era o pós-25 de Abril, amparava a revolução com a sua arma. ■

O desaparecimento de um grande escritor

O roteiro alfacinha de Cardoso Pires

Lisboa foi sempre a cidade de José Cardoso Pires. O 24horas apresenta o roteiro de alguns dos locais que encantaram o escritor e passam, de hoje em diante, a ser seus e, já agora, nossos

FOTOS LUIS BARBA



"No largo havia palmeiras grandes, frondosas. A igreja não era nenhum monumento mas estava certa ali". Arroios era diferente, para o menino José (Augusto Neves) Cardoso Pires — o lugar de onde irradiou para a cidade, a descobri-la. "Éramos jovens e aquilo tinha o des-

mazo de um 'café des artistes' fora das coordenadas culturais da Lisboa do fim da guerra mundial. Café Herminius, chamava-se ele". Um marco que deixou referenciado, com vitrina sobre a Almirante Reis. Caiam no estabelecimento os "gigolos" saídos ao pôr do Sol das "tocas

do Alto do Pina e da Barão de Sabrosa". Ele dava os primeiros passos com um grupo de jovens artistas — "Herminius made". Nomes? Pomar, Vespeira, Cesariny, Fernando Azevedo. Tóbre a Almirante Reis. Caiam no estabelecimento os "gigolos" saídos ao pôr do Sol das "tocas



Muitas vezes, aos fins de tarde, o escritor empurrava a porta de batentes, mergulhava na quietude feita de madeiras, ventoinha no tecto, luz coada. E conversava, bebia, vivia uma parte dele. Gostava de ouvir histórias, fazia suas as personagens do imaginário alheio. Uma foto na parede levava-o ao passado: Fernando Pessoa com o antigo dono do bar, sentados num banco de jardim. "O Americano foi capela frequentada pelo poeta às horas litúrgicas dos 'morning drinkers'", recordou, a propósito.



"Quando um dia se quiser fazer a história dos bares acontece como às tabernas de Lisboa, que estão resumidas a um álbum de fotografias e pouco mais", disse o escritor. O Bolero de muitas das suas noites é a prova provada de que o tempo não perdona. Nem tabuleta há... Mas era o próprio a reconhecer, em 1988: "A boémia de hoje não comporta riscos, é triste, é monótona, conflagrada. (...) Já não se vive tanto como se vivia antigamente e não cobre o desejo de vida marginal que toda a gente tem". Entenda-se que Cardoso Pires não fazia vida de boémia, "porque essa é a vida de um chulo qualquer, aí, no Bairro Alto, que não tem mais nada que fazer".



A "ginger beer" merecia-lhe um comentário: "A pressão, só ali". A relação com o lugar tinha memória, gente, amizade — Manuel Mendes e Bernardo Marques frequentaram o espaço. O British Bar, em frente do Americano, no Cais do Sodré, tinha outro encanto. Um relógio com as horas marcadas ao contrário, como às vezes a gente faz a vida.



Elias Chefe, personagem de "A Balada da Praia dos Cães", foi "levado" pelo autor a comer no restaurante Estrela da Sé. A casa é uma peça, com divisórias, meio taberna, meio restaurante. Típica, já rara. Que terá levado o ficcionista a pôr aquelas mesas o agente da PJ? O restaurante conhecia-o ele, pela certa — a meio caminho do seu deambular de polícia, "andante, andante", e o Aljube, com o célebre eléctrico 28 a fazer uma ligação rápida.



Sítua Monteiro (seu companheiro na redacção do "Almanaque" e gastrónomo) era um dos frequentadores da Estrela do Conde Barão, que aconselhava aos amigos. Cardoso Pires, naturalmente também a apreciava. A explicação saltava à vista: o peixe era fresco. Os donos galegos tinham ligação familiar a um posto de venda no mercado da Ribeira... Havia um polvo cozido com batatas e grelos, um toque de colorau por cima.

Um dia, em 1987, o escritor deu uma entrevista, sob a forma de visita à cidade. Almoçou aqui, no restaurante da Associação Regional de Vela do Centro. O que tinha visto pela cidade não lhe tirou o apetite para um robalo grelhado e um brinde com um copo de branco fora dos seus hábitos (era homem de tinto, mesmo com peixe). No périplo lisboeta, arrepiara-se com muita coisa e tinha ali em frente matéria para vociferar: o Padrão dos Descobrimentos. "Aquilo é uma ofensa a qualquer pessoa que tenha admiração pelos dois séculos de História em que fomos universais".



Ficou para a História

José Cardoso Pires está vivo. Os seus livros, muitos apesar da escrita lenta, venderam-se aos (muitos) milhares, foram traduzidos em línguas tão diversas como o inglês, o italiano, o húngaro, o russo, o espanhol ou o finlandês. Desde a publicação de "Os Caminheiros e Outros Contos", em 1949, marcou o tempo com títulos definitivos: "O Delfim" e "Jogos de Azar".

Além de uma série de títulos incontornáveis: "Cartilha do Mariaiva", "Dinossauro excelentíssimo" — que causou polémica na Assembleia Nacional, em 1972 e foi apreendido —, "E agora José", "Alexandra Alpha" (prémio especial da Associação de Críticos Brasileiros, assumida pelo autor como a sua obra preferida). Na bibliografia de Cardoso Pires destacam-se ainda os títulos "A Cavalinho do Diabo", "O Anjo Anorado". E teve prémios, vários.

com destaque para dois: o de novelista Camilo Castelo Branco, atribuído em 1964; e o Internacional da União Latina, em 1991. Os dois últimos anos foram de consagração, com diversos galardões: Vida Literária, Pessoa, D. Dinis e Bordo de Imprensa. Ainda este ano, em cerimónia privada devido ao seu estado de saúde, foi-lhe entregue o prémio da Crítica, referente a 1997. "De Profundis, Valsa Lenta" e "Lisboa — Livro de Bordo" são as suas últimas obras, editadas em 1997. O primeiro retrata a experiência pessoal do autor de perda de memória, resultante de um acidente vascular cerebral sofrido em 1995, que o fez embarcar "numa viagem até às portas da casa da morte". O segundo é uma espécie de "roteiro pessoal" da cidade que Cardoso Pires sempre assumiu como sua, apesar de beirão de nasença. ■

Fatídico 8 de Julho À espera de um amigo

No dia 8 de Julho deste ano, José Cardoso Pires acordou ansioso e entusiasmado, na expectativa da visita de um "grande amigo" que já não via há muito tempo: Nuno Brederode Santos.

Em convalescência há já algum tempo e com sinais de recuperação nada fazia prever o que viria a passar-se naquel dia fatídico, o último em que o escritor esteve consciente.

Ao almoço, Cardoso Pires teve uma apoplexia seguida de paragem respiratória. Ficou em coma até à madrugada de ontem, quando se despediu da vida.

Mão chegou a ver esse amigo, pois quando Brederode Santos chegou já o escritor seguira para o hospital.

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES

O desaparecimento de um grande escritor

Comentários à morte de Cardoso Pires

“Uma libertação e uma grande perda”

O corpo de José Cardoso Pires será cremado hoje, às 13h30, no Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa. As suas cinzas repousarão no Mausoléu dos Escritores, no Cemitério dos Prazeres

Ricardo Gonçalves*

Ligados a José Cardoso Pires por laços de amizade, de trabalho, ou ambos, várias personalidades comentaram ontem o seu desaparecimento, aos 73 anos, após quatro me-

ses de coma profundo na sequência de uma doença cerebral. “A sua morte, pelas condições em que ocorreu, representa uma libertação, mas é também uma grande perda para as nossas letras”, sublinhou Agustina Bessa-Luís.

Jorge Sampaio

“Conhecia a vida e as voltas que dá”

O Presidente da República manifestou ontem “grande consternação” pela morte de José Cardoso Pires, “um grande cidadão, grande amigo, grande companheiro e um dos grandes escritores portugueses deste século”. Jorge Sampaio caracterizou o escritor como “alguém que conhecia a vida e as voltas que ela dá”.



José Fonseca e Costa

“Não volto a falar-lhe”

“Cardoso Pires é uma pessoa que ficará para sempre presente, e isso torna ainda maiores a minha dor e a minha emoção, sabendo que não volto

a falar-lhe”, declarou José Fonseca e Costa, o realizador da “Balada da Praia dos Cães”, extraída do romance homónimo do falecido.

Nélson de Matos

“Inexcedível companheiro e amigo”

O editor que acompanhou José Cardoso Pires durante os últimos 30 anos, Nélson de Matos,

da D. Quixote, evocou ontem o “inexcedível companheiro e amigo” que acaba de perder.

José Saramago

“Só mais tarde perceberemos”

José Saramago, mostrou-se “chocado” mas quis evitar “lugares-comuns”. E justificou: “Estas palavras repetidas mil vezes para pessoas diferentes esvaziam-se de significado.” Para Saramago, “os efeitos da morte de Cardoso Pires não são imediatos, a consciência do desaparecimento vem mais tarde”.



José Manuel Mendes

“Referência de várias gerações”

“A sua obra, com traços de singularidade e inovação, fez dele uma referência central para sucessivas gerações de leito-

res, entre as quais a minha”, disse José Manuel Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

Manuel Alegre

“Desmontou mitos e teias de aranha”



O poeta e deputado do PS Manuel Alegre considerou ontem que José Cardoso Pires foi um escritor que “desmontou mitos e teias de aranha culturais: o machismo, o clericalismo e um certo militarismo com uma prosa luminosa, muito depurada.

Com ele, penso que a língua portuguesa atingiu um patamar altíssimo”.

Urbano Tavares Rodrigues

“Um escritor original e incisivo”

“Desaparece das nossas letras um escritor original e incisivo da linhagem de Hemingway, de Roger Vaillant, e eu perco um

amigo da juventude, que sempre estimei profundamente”, observou Urbano Tavares Rodrigues.

José Craveirinha

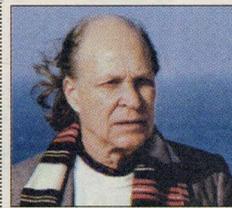
“Não sei aprender a perder amigos”

O poeta moçambicano José Craveirinha – Prémio Camões de 1991 – afirmou que Cardoso

Pires era seu “amigo”, acrescentando que não consegue aprender a perder amigos.

Eugénio de Andrade

“Um dos nossos grandes prosadores”



“Com ele desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. Disso não é ocasião para falar – são tão poucos os amigos que, ao desaparecer um deles, e ele não era um qualquer, se fica na verdade mais pobre; perdoe-se o lugar-comum”, disse Eugénio de Andrade.

Rita Desti

“Via-o sempre que ia a Lisboa”

Uma das tradutoras italianas de Cardoso Pires, Rita Desti, reagiu ontem à “triste notícia” da sua morte como à de “um amigo, um grande amigo”, que

conheceu quando traduziu a “Balada da Praia dos Cães”, em 1985. “Era um escritor muito disponível. Sempre que ia a Lisboa estava com ele”, disse.

Cardoso Pires em entrevista ao 24horas

Um dos derradeiros testemunhos do escritor



Poucos dias antes de dar entrada no hospital pela segunda vez, depois do acidente vascular cerebral que inspirou o livro “De Profundis Valsa Lenta”, José Cardoso Pires falou, em Abril deste ano, ao 24horas.

● **Como explica o êxito do seu livro “De Profundis, Valsa Lenta”?**

O livro, surpreendentemente, interessou muita gente para além da literatura. O caso que eu tive foi excepcional, recuperei da morte bran-

ca. E, depois, as pessoas são sempre muito tocadas por miragens do Além, pensam que estive morto. Na rua, perguntavam-me por que razão o São Pedro não me recebeu.

● **E acredita no São Pedro?**

Só no do Estoril, que é o único que conheço. Sou agnóstico.

● **O que mudou na sua rotina depois da doença?**

Deixei de fumar, mas continuei a beber, coisa que não devia fazer. Recentemente,

tive uma experiência que me marcou muito. Fui convidado para visitar um homem que tinha tido um acidente vascular cerebral, como eu. Ele estava lúcido, mas não conseguia falar, comunicava pelo computador. Perguntei-lhe o que estava a fazer. Disse-me que o meu livro lhe tinha dado forças para escrever a sua própria experiência da doença. Confesso que isso me emocionou.

● **Defende a eutanásia?**

A medicina não serve só pa-

ra ajudar a viver. Também deve servir para ajudar a morrer.

● **Quais são os escritores que melhor descrevem Lisboa?**

Acima de tudo, o Damião de Góis. Nos livros de António Tabucchi, até se sente a temperatura da cidade. Depois há o António Lobo Antunes com uma visão muito própria e o Eça de Queirós. Tenho também uma imensa admiração pelo Herberto Helder.

ALEXANDRA CORREIA